

UMA CAUSA PSICOLÓGICA

A “marcha” para o exterior



Agostinho Neto / *

É voz corrente dos observadores que os elementos constitutivos da classe nativa têm a tendência para se isolarem uns dos outros, ou por meio de grossa camada de indiferença ou por espinhoso egoísmo, quando se trata de defender os interesses daquela.

O desamor à causa é principalmente notado em aqueles, com uma certa cultura ou uma boa dose de inteligência geralmente reconhecida, são capazes de ajudar os empreendimentos sociais, mas raramente se congregam aos restantes e dão apoio às suas iniciativas. Para a classe nativa são inúteis, fúteis e só aparentemente, por questão de complacência ou patriotismo mentiroso, dão o seu fugidíio auxílio às coisas nativas.

Tal indiferença de uns para outros indivíduos com interesses comuns, não é muito compreensível, uma vez que estes são os únicos motivos de aliança entre indivíduos, classes ou nações. É paradoxal a desunião entre nós, nativos, que, para não citar outros aspectos do interesse comum, têm que lutar coesos pela sua economia e pelo aumento do seu nível cultural.

A fraca compreensão da necessidade de trabalho em comum tem sido também atribuída a “esta” geração e atirado às costas da mulher africana.

A geração moderna, porém, abraçou apenas um movimento geral da

humanidade para o “diferente”. O mundo está sofrendo intensamente as consequências duma evolução social. São a velocidade fatigante, a técnica que atrai os riscos procurando prolongar a vida, que dão uma ânsia de viver extenuante e transformam a vida em despreocupação, ou melhor: inquietação geral lançada sobre os ombros, por desventura bastante estreitos, do rapaz de bigode, cabeleira abundante e casaco descendente, dizendo-se que ele prejudica a classe.

Porém, em todo o mundo, os homens andam preocupados com esta geração – standard que se está afastando do viver clássico e cuja plástica de linha recta pretende fazer palpar os corações em todas as latitudes. Olha-se com certa pena para esse produto ersatz a quem as metafísicas amedrontam e as causas ocultas atemorizam.

Não é só aqui que esta geração é inobjectiva, aérea, é-o em todas as partes do mundo. E a desunião entre os nativos não é posterior à fabricação em série do rapaz moderno.

A mulher africana moderna assimilando a inobjectividade da vida, dissemelhando-se da avozinha pacatamente crocheteante, adoptando a despreocupação, o bâton, a sola de cortiça e a saia ascendente; deixou-se apenas arrastar pelo movimento geral que transformou o homem, que (digamo-lo de passagem) é difícil ser-se rebelde!

A maior parte das acusações que se fazem à mulher africana são um

reflexo de uma psicologia distorcida de que adiante falaremos.

Os nativos são educados como se tivessem nascido e residissem na Europa. Antes de atingirem a idade em que são capazes de pensar sem esteio, não conhecem Angola. Olham a sua terra de fora para dentro e não ao invés, como seria óbvio. Estudam na escola, minuciosamente a História e Geografia de Portugal, enquanto que as da Colónia apenas as folheiam em sinopses ou estudam muito levemente. Ingenuamente, suspiram pelas regiões temperadas do norte, por onde lhes arda o coração. Não compreendem esta gente que aqui habita, os seus costumes e idiosincrasias. Não têm tradições. Não têm orgulho da sua terra porque nela nada encontram de que se orgulhar; porque não a conhecem. Não têm literatura, têm a alheia. Não têm arte sua. Não têm espírito.

Não adoptam uma cultura; adaptam-se a uma cultura.

Os indivíduos assim formados têm a cabeça sobre vértebras nativas, mas o seu conteúdo escora-se em vértebras estranhas, de modo que as ideias, as expirações do espírito são estranhas à terra. Daí o olhar-se esta, a sua gente e hábitos, o mundo que os rodeia, como estranhos a si – de fora.

É como se um habitante da Terra teimasse em imaginar-se alcançado na Lua e julgasse que via os seus semelhantes de tal distância.

Produz-se no nativo uma distorção na sua personalidade que se reflecte na vida social, desequilibrando-a.

Lá fora há o hábito de depreciar quanto é nativo; e os moços nativos cujos espíritos derivaram para o exterior e em quem está atinente um quantum de vaidade (como em qualquer ser humano) têm vergonha em considerar-se incluídos naquela esfera depreciada e não somente não a auxiliam como procuram desprezar as iniciativas de carácter puramente nativo porquanto o seu cérebro afina por diapasão estranho; porque foi psicologicamente distorcido pelo eurotopismo.

Cada um, é claro, tem consciência do prejuízo que causa furtando-se à luta comum, mas procura convencer-se de que a identificação com o longínquo é um mal... necessário!

A minha pouca experiência impediria que a voz chegasse ao céu se eu desse conselhos. Acho porém, que a mênzina apropriada para anular os efeitos perniciosos bastante do eurotopismo, seria começar por “descobrir” Angola aos novos, mostrá-la por meio de uma propaganda bem dirigida, para que eles, conhecendo a sua terra, os homens que a habitam, as suas possibilidades e necessidades, saibam o que é necessário fazer-se, para depois querer.

*In O Farolim, 1946. Agostinho Neto tinha então 24 anos

“Os nativos são educados como se tivessem nascido e residissem na Europa. Antes de atingirem a idade em que são capazes de pensar sem esteio, não conhecem Angola. Olham a sua terra de fora para dentro e não ao invés, como seria óbvio. Estudam na escola, minuciosamente a História e Geografia de Portugal, enquanto que as da Colónia apenas as folheiam em sinopses ou estudam muito levemente. Ingenuamente, suspiram pelas regiões temperadas do norte, por onde lhes arda o coração



CUANZA-SUL

Picada em mau estado dificulta ajuda aos missionários no Gungo

O mau estado da picada que liga a Estrada Nacional 100 à comuna do Gungo, província do Cuanza-Sul, pode comprometer a intenção do clube Toyota Land Cruiser de Angola (TLC) de levar ajuda humanitária ao Grupo Missionário Ondjoyetu e melhorar as condições sociais dos mais de 33 mil habitantes daquela localidade

Armindo Pereira

No dia 16 do corrente mês, depois de serem submetidos ao teste de detecção da Covid-19 por RT-PCR, um grupo de avanço dos TLC, composto por quatro pessoas, dirigiu-se à sede da missão para fazer o levantamento das necessidades, numa parceria com os aventureiros do Volta a África.

Semanas antes haviam recebido garantias que o percurso “muito acidentado” seria melhorado, de modo a facilitar a circulação. No entanto, só foi possível fazer 18 dos cerca de 50 quilómetros.

De acordo com Paulo Diogo “Passarinho”, a intenção é fazer um passeio turístico sob o lema “Vamos Abraçar esta Causa”, de Luanda até o Gungo, de 31 de Outubro a 2 de Novembro, com um total de 100 viaturas e levar bens de primeira necessidade até à missão católica de Leiria (Portugal), dirigida pelo padre David Ferreira.

“Infelizmente, nos deparamos com muitas dificuldades, ao longo do percurso, o estado da picada não vai permitir. Um carro 4x4 comum não tem possibilidades de fazer aquele percurso, aquilo é para veículos extremamente preparados, com pilotos experientes. Tivemos a sorte de ter apenas um pneu furado, mas nem toda a gente

tem um carro com as mesmas condições que o meu”, acautelou Paulo Diogo.

Comparado àquela picada, segundo Diogo, só os percursos de desafios extremos em “Trial 4x4”, onde carros comuns com tracção às quatro rodas não são capazes de participar.

Paira no ar a incerteza, pois o estado acidentado da picada vai condicionar a materialização do objetivo. Paulo Diogo diz que será necessário uma máquina niveladora para puxar a terra de ambos os lados, tapar os buracos maiores, encher as trilhas e compactar com um cilindro de modo a colmatar as inúmeras “crateras e pedras enormes”, ao longo de mais de 30 quilómetros.

“É o que precisamos para chegar até à missão. Não queremos uma pista como aqueles 18 quilómetros, mas de uma picada normal, como tantas outras que existem pelo país. O passeio todo-o-terreno tem desafios em que os carros são postos à prova e isso faz parte da aventura”, sublinhou.

De modo a facilitar o escoamento dos produtos do campo para a cidade, a missão tem à disposição da comunidade, desde 2010, um camião Mercedes-Benz Unimog. O mesmo é tido como um meio de importância vital para as actividades pastorais e sociais da igreja.

Para o efeito, os morado-

res, sempre que necessário, têm partido pedras à marreta para pavimentá-las, a fim de facilitar a circulação. Apesar dos resultados já alcançados pela missão católica, o isolamento do local é ainda um dos principais entraves para resolução dos seus problemas básicos.

Paulo Diogo acredita que pode ter o apoio das entidades competentes para o cumprimento da nobre missão à comuna do Gungo, localidade que dista mais de 110 quilómetros do município do Sumbe: “estamos a mover muitos apoios e não pretendemos baixar os braços”.

“A viatura que o padre conduz, muitas vezes, faz de ambulância para percorrer até 32 quilómetros em quatro horas”

Apelos reiterados

Nos últimos dias os integrantes do TLC multiplicaram os apelos nas redes sociais em busca de pessoas que possam abraçar a causa. Com a ajuda a ser recolhida, caso não os consigam por oferta, os mentores do projecto pretendem adquirir, aos melhores preços, os se-

guintes bens: um tractor e respectivas alfaías, medicamentos, motor para o britador, mala de ferramentas para o Land Cruiser do sacerdote, duas baterias de gel, de 100 amperes cada, para o sistema de energia e telefone satélite, pois na localidade ainda não existe cobertura de telefonia móvel.

Constam igualmente das prioridades 11 balanças analógicas para o posto de saúde, material escolar e alimentos não perecíveis: arroz, massa, feijão, sal, açúcar, bem como leite para recém-nascidos e produtos de higiene (sabão, lixívia, sacos de plástico...).

O pedido de ferramentas para o carro do padre pode parecer inusitado, mas Paulo Diogo avançou as razões: “A viatura que o padre conduz, muitas vezes, faz de ambulância para percorrer até 32 quilómetros em quatro horas”.

O estado da principal via de acesso representa um bloqueio ao desenvolvimento da vida dos mais de 33 mil habitantes do Gungo, segundo o padre Ferreira. Muito recentemente, o sacerdote ajudou na transferência de uma mulher que havia entrado em trabalho de parto há mais de 24 horas. O transporte da parturiente foi feito da sede da missão até à maternidade: “Isso, às vezes, faz a diferença entre a vida e a morte”.

Trabalho desenvolvido

Apesar de ser o rosto da Missão do São José do Gungo, David Ferreira diz que os resultados até aqui alcançados foram possíveis graças aos esforços de todos, quer portugueses quer angolanos, que trabalhando em conjunto têm transformado aquela parcela do território nacional num pólo de desenvolvimento.

“O trabalho base é o desenvolvimento. A nossa motivação é religiosa, enquanto católicos e vindos para Angola por questões de fé. Depois transformamos essa nossa vontade de fazer o bem em projectos sociais e, nesta conformidade, fomos identificando os problemas para tentar resolvê-los”.

A saúde precária na comuna é a principal preocupação do missionário, uma vez que o hospital mais próximo fica a mais de cem quilómetros, isto é, na sede municipal e a principal via de acesso dificulta a evacuação dos doentes para a cidade.

Os postos de saúde do Estado, nos arredores, nem sempre estão providos dos meios de assistência que possam assistir convenientemente os habitantes, e, sempre que possível, a missão procura cobrir essas lacunas, quer por meio de assistência médica e medicamentosa, quer na formação dos agentes

de saúde locais.

“Sempre que recebemos missionários vindos de Portugal, estudantes de Medicina, médicos, enfermeiros e fisioterapeutas, fazemos questão de proporcionar momentos de formação para todos os técnicos, incluindo as parceiras tradicionais”, explicou David Ferreira.

Há também duas moagens comunitárias a funcionar. As duas trituradoras, segundo o clérigo, contribuem significativamente no trabalho das mulheres de transformar o milho ou o bombó em fuba. Um camião todo-o-terreno Mercedes-Benz Unimog auxilia no escoamento dos produtos do campo para a sede municipal.

As principais culturas são o milho, feijão, ginguba, batata-doce e banana. A base da alimentação é o funge de milho, faltando, principalmente às crianças, alguns nutrientes indispensáveis para o seu crescimento.

A agricultura, feita com meios rudimentares, sem qualquer meio mecânico, é o principal garante para a auto-sustentabilidade das comunidades locais. Aos poucos, segundo ainda o padre David Ferreira, as pessoas passam a ter noção da importância do trabalho por elas desenvolvido para o bem comum.



CAPITAL DA PROVÍNCIA DO NAMIBE

Moçâmedes vai contar com plano de desenvolvimento do território

O plano de ordenamento territorial do município de Moçâmedes – importante instrumento de gestão pública – está a ser elaborado sob a responsabilidade do Ministério das Obras Públicas e do Ordenamento do Território

João Luhaco | Moçâmedes

A vice-governadora da província do Namibe para o Sector Técnico e Infra-estruturas, Ema Guimarães, explicou ao *Jornal de Angola* que o plano de desenvolvimento do território de Moçâmedes objetiva a melhoria da qualidade de vida dos munícipes, a cobertura das redes de transporte e dos serviços de utilidade pública, bem como a protecção das reservas naturais, a geração de empregos, o fortalecimento das ligações regionais e o aperfeiçoamento da capacidade institucional.

Disse que está-se agora a trabalhar para a conclusão do plano, de modo a atender às reais necessidades da população. Esclareceu que um instrumento de gestão territorial tem grande vantagem e auxilia na tomada de decisões no que concerne ao desenvolvimento da província. “Ele orienta-nos para o modo como poderemos desenvolver os territórios em várias vertentes, articulando, em primeiro lugar, a necessidade de garantir o fluxo de pessoas e de bens”, disse.

Ema Guimarães assegurou que o plano de gestão do território de Moçâmedes serve, também, para garantir que as actividades económicas sejam desenvolvidas em função da den-

sidade demográfica e que, no processo de tomada de decisões, sejam acautelados os valores naturais patrimoniais, os recursos e a capacidade produtiva e humana da província.

Considerou que a população é o elemento chave em todo este processo. “Os instrumentos são feitos para o desenvolvimento das cidades, mas o principal elemento são as pessoas. É para elas que estamos a trabalhar. Neste caso, as pessoas são os elementos que vão participar com acções cívicas. Tomando conhecimento de como este plano está a ser estruturado, têm de vigiar as acções que nos propomos realizar e ser os principais intervenientes quer nas questões, por exemplo, do saneamento básico, quer no cumprimento das regras impostas pela lei e pela postura do município quanto à ocupação do território”, defendeu.

A vice-governadora alertou que o cidadão tem de cumprir com os pressupostos da lei para a ocupação do território e procurar os serviços competentes, para que as suas acções de cobertura sejam legais e façam parte do desenvolvimento que se pretende para a província. “Tem que ser o cidadão, em primeiro lugar, a alertar, contribuir e fazer parte de todo

esse processo de forma activa”, disse.

Informou que tão logo termine a sua elaboração, a terceira fase do plano de desenvolvimento territorial de Moçâmedes será apresentada publicamente. “Houve alguns constrangimentos no que concerne à sua elaboração, a cerca sanitária imposta à província de Luanda impediu que houvesse um trabalho mais próximo das autoridades do município de Moçâmedes. Com este factor, fomos obrigados a fazer um reajuste do cronograma de execução. Mas contamos que no final do ano, poderemos ter o plano pronto para ser apresentado”, garantiu.

Explicou que a intenção do Governo da província é que todos os municípios tenham os seus planos de gestão territorial.

Município estratégico

Moçâmedes, a capital da província do Namibe, é a terceira maior região costeira de Angola. A urbe foi fundada no século XIX. Em 1851, subiu à categoria de vila e em 1907 à categoria de cidade. O município do mesmo nome, segundo as projecções demográficas de 2018 elaboradas pelo Instituto Nacional de Estatística, conta com um universo de 282.056 habitantes e uma extensão territorial de 8.916 km². A pesca artesanal, maioritaria-

mente marítima, é um dos principais meios de sustento do povo de Moçâmedes.

O Caminho-de-Ferro de Moçâmedes é uma via de transporte muito segura que transporta passageiros e cargas no trajecto Moçâmedes/Cuando - Cubango, tendo como saída o porto de Moçâmedes, a facilidade logística formadora da província. Outro porto que existe, embora menor, é o do Saco Mar, essencialmente mineiro. Mesmo com condições climáticas extremas, o município de Moçâmedes produz, para subsistência e excedentes, em lavoura temporária, o milho, a massambala, o massango, o feijão, a batata rena, o repolho, a cebola, o tomate e a cenoura. Já nas lavouras permanentes encontra-se o registo de citrinos, oliveiras, videiras e goiabas.

O município dispõe de infra-estruturas de transporte que o ligam ao restante do país, sendo que as mais utilizadas são as rodovias, que se concentram em dois troncos principais: a EN-100, de sentido Norte-Sul, ligando as províncias do Namibe, Benguela e Cunene até à República da Namíbia, e a EN-280, de sentido Oeste-Leste, que o liga à Huíla. Existem ainda as estradas que vão ao município do Tômbwa, a EN-104, à Bibala, a EN-105, e ao

Virei, a EN-292. Esta última interliga também à Huíla. Congregando o porto, a ferrovia, o aeroporto e as rodovias estruturantes do território, onde ocorre um destacável fluxo de transportes, Moçâmedes é o maior Centro Logístico do Sul de Angola.

Essas valências todas de “invejar”, em termos económicos, poderiam levar a pensar que este território dispõe de uma sociedade promissora, mas a realidade vigente constrange alguns munícipes, como é o caso do mais-velho Domingos Ernesto, mais conhecido por “Cota Mundobinho”, 65 anos, morador há décadas no lendário bairro Forte Santa Rita, nos arredores da cidade. Muito agastado com o lento desenvolvimento da cidade, ele disse à reportagem do *Jornal de Angola* que, na sua opinião, está a faltar um programa de desenvolvimento local.

“Mudam-se os dirigentes, tira-se um administrador, coloca-se outro no lugar e o quadro é sempre o mesmo. É só arranjar jardins? Não! Nós que vivemos aqui há décadas queremos que nos apresentem um cenário moderno do município. Tenho 65 anos de idade e não vejo nenhum desenvolvimento no município de Moçâmedes.

Isto é muito mau. A cidade está mal. Afinal qual é o programa dos nossos governantes?”, questionou.

Disse que Moçâmedes é a cidade mãe do Cunene e do Lubango, mas, no seu entender, “o que vemos é que isto aqui está atrasado”. Comparou o cenário de Moçâmedes com o da vizinha cidade do Lubango, onde, segundo frisou, “vemos a olho nu que as coisas estão a acontecer e até nos faz inveja”.

“Só queremos que façam alguma coisa palpável. Daqui a pouco vamos morrer, mas antes queremos ver qualquer coisa feita de maneira diferente na nossa cidade, para o futuro dos nossos netos. Precisamos que arranjem os passeios desta cidade velha. Se não asfaltarem, pelo menos tapem só os buracos. Ponham primeiro a cidade limpa e só depois é que vão pegar os jardins. Será que vamos estar com flores no lixo? Isto é verdade? Não dá!”, desabafou Mangobinho.

Não se ficando apenas pelas críticas, avançou com a proposta de requalificarem, urgentemente, o bairro dos Eucaliptos, “porque, Deus que seja surdo, se um dia esta pandemia da Covid-19 entrar naquele bairro, teremos uma catástrofe humana”.



ESCRITORES AFRO-ASIÁTICOS, DEBATE DE IDEIAS E PRÊMIO “LÓTUS”

Agostinho Neto, escritor e intelectual orgânico

Luís Kandjimbo / *

Em Fevereiro de 1976, realizou-se na cidade de Luanda a conferência extraordinária da Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos (OSPAA) que mantinha uma relação orgânica com a Associação de Escritores Afro-Asiáticos.

A Associação de Escritores Afro-Asiáticos era uma organização transnacional de escritores que assumiu formalmente tal denominação em 1967, na cidade de Beirute. Nessa altura, o seu Bureau Permanente, com sede na capital do Líbano, era integrado por escritores africanos de alguns países já independentes e outros cujos países ainda não tinham alcançado a independência. É o caso de Mário Pinto de Andrade que representava os escritores das colónias portuguesas.

Três anos após a sua constituição, a União dos Escritores Angolanos organizou a VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos que teve lugar na cidade de Luanda, de 27 de Junho a 1 de Julho de 1979. O poeta angolano Agostinho Neto, laureado com o Prémio Lótus em 1970, era o Presidente da Assembleia Geral da União dos Escritores Angolanos, Presidente da recentemente proclamada República Popular de Angola, independente desde 1975 e Presidente do MPLA-Partido do Trabalho, transformado em partido único marxista-leninista, no congresso extraordinário realizado em Dezembro de 1977.

Quando na sua qualidade de anfitrião, Agostinho Neto proferiu o discurso de encerramento da VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos, evidenciava uma nova perspectiva relativamente a algumas questões culturais, literárias e políticas.

Em Janeiro de 1979, na tomada de posse dos corpos gerentes da União dos Es-

critores Angolanos, o político e poeta Agostinho Neto defendia a cultura do debate de ideias. E sustentava-o nos seguintes termos: “Penso que é necessário o mais alargado possível debate de ideias, o mais amplo possível movimento de investigação, dinamização e apresentação pública de todas as formas culturais existentes no País, sem quaisquer preconceitos de carácter artístico ou linguístico”. Por outro lado, nesse discurso de tomada de posse proferido seis meses antes da realização da VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos, afirmava: “Se os estimados camaradas e colegas me permitem, direi que não podemos cair em esquemas ou estereótipos como os teóricos do realismo socialista. A par da nossa capacidade nacionalista, teremos de intervir de modo a inscrever-nos no mundo, à medida que formos assumindo a realidade nacional.”

Em Julho de 1979, Agostinho Neto retoma o pensamento sobre o mais alargado possível debate de ideias, quando falava aos escritores afro-asiáticos reunidos em Luanda: “Persistir na ideia do debate é sempre acertado, porquanto os homens têm necessidade de se exprimir, para não assumir a mentalidade burocrática que rapidamente se torna caduca e não é capaz de acompanhar o desenvolvimento da sociedade humana.”

Portanto, Agostinho Neto manifestava a necessidade de romper com os dogmas do realismo socialista e, ao mesmo tempo, sublinhava a importância do debate argumentativo, de ideias e de opiniões.

Pode dizer-se que Agostinho Neto, atento aos acontecimentos e à realidade de Angola, avaliava os efeitos deletérios das influências externas. Por conseguinte, distanciava-se das querelas teóricas e ideológicas que

opunham a China e a União Soviética. Tal posição não era casual. Parece traduzir uma recusa intencional de seguir as doutrinas ideológicas, teorias estéticas e literárias soviéticas e chinesas. É que, na sua qualidade de líder do MPLA, Agostinho Neto gozava de prestígio nos mais altos círculos do Partido Comunista da União Soviética. Nas décadas de 60 e 70 do século XX, com frequência visitava Moscovo como convidado oficial das autoridades soviéticas em diversas ocasiões: em 1964, para obtenção de apoio militar; em 1966, participando do XXIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética; em 1967, nas celebrações do quinquagésimo aniversário da Revolução Bolchevique; em 1970, nas comemorações do centenário de Lênine; em 1971, no XXIV Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Além disso, era membro da presidência do Conselho Mundial da Paz, organização internacional que se encontrava na esfera de influência da União Soviética.

A apologia do debate, – “o mais alargado possível debate de ideias” – é uma eloquente expressão do modo como Agostinho Neto interiorizava as tarefas do intelectual, num país que acabava de alcançar a independência política. À formulação desse pensamento subjaz um desígnio que não pode ser negligenciado, no contexto da época. Além disso, ele entendia que “o escritor se deve situar na sua época e exercer a sua função de formador de consciência, que seja agente activo de um aperfeiçoamento da humanidade”.

Ao reconhecer a necessidade vital do debate de ideias, Agostinho Neto estava em certa medida a assumir também uma perspectiva crítica perante a violência política que tinha abalado e ainda abalava o país, nesses primeiros anos de indepen-

dência, numa vaga de prisões e mortes causadas por intolerância ideológica, à semelhança do que acontecera na União Soviética, na China e em outros países do chamado bloco socialista.

Ora, em 1979, a União dos Escritores Angolanos organizava a VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos devido à sua filiação na Associação de Escritores Afro-Asiáticos. Mas a relação que os escritores angolanos mantinham com esta organização de escritores, formada à luz do espírito de Bandung, remontava ao ano seminal de 1958, quando Mário Pinto de Andrade e Viriato da Cruz participaram na Conferência de Escritores Afro-Asiáticos, realizada na cidade de Tashkent.

Após a VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos de Julho de 1979, descortinava-se um horizonte de incertezas acerca do que poderia ter sido a concretização desse ideal defendido por Agostinho Neto, a escassos meses da morte que o colhia em Setembro desse ano.

Numa perspectiva de periodização, surgia a década de 80 do século XX e desenvolvia-se uma geração literária e movimentos literários que assinalam a época. Foi sob a batuta desse “motivo” – “é necessário o mais alargado possível debate de ideias, o mais amplo possível movimento de investigação, dinamização e apresentação pública de todas as formas culturais existentes no País, sem quaisquer preconceitos de carácter artístico ou linguístico” – que a Brigada Jovem de Literatura de Luanda foi constituída (Junho, 1980), seguindo-se-lhe a Brigada Jovem de Literatura da Hufla (Setembro, 1980), de que o autor destas linhas foi co-fundador, e a Brigada Jovem de Literatura do Huambo (Novembro, 1983).

*Ensaísta e professor universitário

Revista “Lótus”

A Associação dos Escritores Afro-Asiáticos publicava, desde 1968, uma revista literária trimestral trilingue “The Call” (O Apelo). Até ao fim da década de 70, a edição em árabe era impressa no Cairo. Já as edições em inglês e francês eram impressas na República Democrática Alemã. Após a cisão registada na Associação dos Escritores Afro-Asiáticos, por força do chamado diferendo sino-soviético de 1966 de que resultaram dois secretariados da Associação dos Escritores Afro-Asiáticos, um em Pequim e outro no Cairo, a revista editada no Cairo passou a designar-se “Lótus: Afro-Asian Writings”, (Lótus: Textos Afro-asiáticos). Na China, era impresso e publicado o jornal “The Call”, tal como tinha sido decidido na Reunião Extraordinária de Pequim em 1966.

A revista “Lótus” teve uma vida útil de duas décadas, até 1991. O escritor paquistanês Faiz Ahmad Faiz foi o seu editor-chefe durante dez anos. A redacção funcionou inicialmente em Beirute e depois no Cairo. Com o fim da guerra israelo-árabe e dos acordos de Camp David a revista teve as suas redacções em Tunis e em Moscovo. Deixou de ser impressa após a Perestroika na antiga União Soviética.

A revista “Lótus”, que contou com a colaboração de Agostinho Neto, era distribuída pelas associações de escritores e circulava nos Estados-membros da OSPAA. Proporcionava um conhecimento da diversidade das literaturas nos dois continentes, através da obra de autores que poderiam constituir o cânone literário afro-asiático. Em Angola, a revista “Lótus” era vendida em diversas livrarias.

Prémio

O Prémio “Lótus”, conhecido como “Prémio Lótus Internacional de Literatura” ou “Prémio Lótus de Literatura Afro-Asiática”, foi aprovado na quarta sessão do Bureau Permanente da Associação de Escritores Afro-Asiáticos, realizada no Cairo, em 1968, tendo sido atribuído pela primeira vez no ano seguinte a Alex La Guma (África do Sul), Mahmoud Darwish (Palestina) e To Hoai (Vietnam). Distingua os escritores Afro-Asiáticos em três géneros literários, poesia, teatro e prosa narrativa, de acordo com os seguintes critérios: a) alto valor literário e artístico; b) representação das realidades objectivas da sua época; c) atitude militante contra qualquer forma de discriminação nacional

ou racial e contra a desigualdade social; d) denúncia de qualquer agressão ou infiltração imperialista; e) expressão das aspirações do povo por uma vida melhor. Portanto, as literaturas afro-asiáticas adquiriam assim dois instrumentos de legitimação, na senda do espírito da Conferência de Bandung de 1955.

Laureados

1969: Alex La Guma (África do Sul), Mahmoud Darwish (Palestina), To Hoai (Vietnam)

1970: Agostinho Neto (Angola), Zulfia (Uzbequistão), Harivansh Rai Bachchan (Índia)

1971: Sonomyn Udval (Mongólia), Sembène Ousmane (Senegal), Taha Hussein (Egipto)

1972: Hiroshi Noma (Japão), Mikhail Naimy (Líbano), Marcelino dos Santos (Moçambique)

1973: Kateb Yacine (Argel), Ngũgĩ wa Thiong'o (Quénia), Thu Bon (Vietnam)

1974: Aziz Nesin (Turquia), Yusuf al-Sibai (Egipto), Anatoly Sofronov (Rússia), Kamal Nasser (Palestina), Ghassan Kanafani (Palestina)

1975: Chinua Achebe (Nigéria), Faiz Ahmad Faiz (Paquistão), Muhammad Mahdi al-Jawahiri (Irake), Kim Chi-ha (Coreia do Sul)

1976: Subhas Mukherjee (Índia), Tawfiq al-Hakim (Egipto), Mikhail Sholokhov (Rússia)

1977-78: Meja Mwangi (Quénia), Nguyen Ngoc (Vietnam), Yoshie Hotta (Japão)

Kamil Yashen (Uzbequistão), Abu Salma (Palestina), Sami al-Droubi (Síria)

1979-80: Muin Bseisu (Palestina), António Jacinto (Angola), Bhisham Sahni (Índia)

Husayn Muruwwa (Líbano), Gunasena Vithana (Shri Lanka), Atukwei Okai (Ghana), Choizhilyl Chimid (Mongólia)

1981-82: Georgii Markov (Rússia), Assefa Gebremiriam (Etiópia), Sulaiman al-Issa (Síria), Ataol Behramoglu (Turquia)

1983: Sarvar Azimov (Uzbek SSR), Nguyen Dinh Thi (Vietnam), José Craveirinha (Moçambique), Kaifi Azmi (Índia), Mustapha Fersi (Tunis)

1984: Sulaiman Layeq (Afeganistão), Jeane-Fernand Brierre (Haiti-Senegal), Omar Azraj (Argel), H. Karunatilake (Sri Lanka)

1985: Abdulaziz al-Maqaleh (Iémen), Rasul Gamzatov (Rússia), Chon Se Bong (Coreia do Norte)

1986: Tahsin Saraç (Turquia)

1987: Makoto Oda (Japão)

1988: Chinghiz Aitmatov (Kirgiz SSR)

BREVES NOTAS

A formação intelectual de Agostinho Neto

O processo de formação intelectual de Agostinho Neto tem uma dimensão ética que se analisa em virtudes constitutivas da sua condição de intelectual orgânico. A avaliação de tais qualidades exige um conhecimento da genealogia do seu pensamento cultural

Luis Kandjimbo / *

O momento genealógico inicial situa-se na década de 40 do século XX. Pode ser observado em dois textos de opinião, publicados em “O Estandarte”, jornal da Igreja Metodista, nomeadamente “A Nova Ordem Começa em Nossa Casa” e “A Paz que Queremos”, entre 1944 e 1945. Mas é com “Instrução ao Nativo”, publicado igualmente em “O Estandarte” em 1945 e com “Uma causa psicológica: A ‘Marcha’ para o Exterior” e “Uma Necessidade”, publicados no jornal “O Farolim”, em 1946, que o discurso nacionalista revela as marcas do nativismo angolano das primeiras décadas do século XX. Justifica-se, por isso, o desenvolvimento de uma abordagem que privilegie o quadro mais amplo da história intelectual de Angola.

Agostinho Neto nasceu às cinco horas do dia 17 de Setembro de 1922 em Kaxicane, localidade da circunscrição civil de Icolo e Bengo cuja sede se encontrava situada em Catete. Nessa data, o pai, Agostinho Pedro Neto, era pastor da chamada “Missão Americana de Luanda”, tendo sido ordenado presbítero em 1925. Em 1930 a família fixa residência no Bairro Operário, em Luanda, onde seu pai assumiria a responsabilidade de chefiar o colectivo local de pastores da Igreja Metodista.

Os estudos primários e liceais decorrem entre 1931 e 1944. A década de 30 chegava ao fim, quando em Fevereiro de 1939 se anuncia a realização com sucesso do exame do 1º ciclo (3º ano) do Liceu do menino António Agostinho Neto com a classificação de 13 valores.

Conclui com 15 valores o Curso de Ciências do 7º ano do Liceu, nos exames realizados em 1944, anuncia com orgulho “O Estandarte” de Fevereiro de 1944, nº 95: “Nos exames do 3º ciclo realizados em Janeiro do corrente ano, concluiu o 7º ano de Ciências com 15 valores, o nosso prezado irmão na fé, sr. António Agostinho Neto (...)”.

Do funcionalismo público à actividade tribuniária

Em 1944, “O Estandarte”, na sua edição de Novembro/Dezembro, 1944, nº 105, anunciava que Agostinho Neto iria ocupar o seu cargo no funcionalismo público para o qual tinha sido nomeado. Portanto, Agostinho Neto, pertencendo à primeira geração pós-nativista angolana, inscreve-se por direito próprio na lista de legatários da tradição nativista em que perfilam ilustres tribunos e

publicistas angolanos. Contava então 23 anos de idade, quando escreveu o seu primeiro texto de pendor pós-nativista. Nas décadas de 30 e 40, frequenta os meios socializadores protestantes existentes em Luanda, designadamente, a escola da Igreja Metodista e o jornal “O Estandarte”. Na primeira metade da década de 40, Agostinho Neto publica alguns poemas e artigos de inspiração religiosa no jornal “O Estandarte”. Neste mesmo jornal pontificava seu pai, publicando textos como “O Segredo da Paz” em 1936 e “É preciso divertir a Juventude Evangélica” em 1944.

Em 1940, publica “O Segredo de Viver” e em 1943 publica “As multidões Esperam” em “O Estandarte”. De 1944 a 1959, escreve e publica artigos marcantes no âmbito da história intelectual angolana, a saber:

A Nova Ordem Começa Em Casa (1944);

A Paz que Esperamos (1945);

Instrução ao Nativo (O Estandarte, 1945);

Uma Causa Psicológica: a “Marcha” para o Exterior (1946);

Uma Necessidade (1946);

Da Vida Espiritual em Angola (1949, Meridiano)

O Rumo da Literatura Negra (Centro de Estudos Africanos, 1951);

A propósito de Keita Fodeba (Angola, Revista da Liga Africana, 1953);

Introdução ao Colóquio sobre Poesia Angolana (1959).

O lugar de Malanje na consolidação dos ideais

Das gerações de nativistas já referidas, Agostinho Neto recebe o testemunho pela mão de vários dos seus protagonistas, entre os quais merece referência José Manuel da Silva Lameira. Foi em Malanje que o jovem intelectual travou conhecimento com essa lendária figura do movimento nativista angolano, sucessivamente preso e desterrado para a Guiné-Bissau, Moçambique, Macau e Timor-leste, durante mais de uma década, de 1917 a 1938.

No seu livro de memórias, “Recordações Minhas”, José Diogo Ventura conta que o “velho Lameira recebia na sua residência da ‘Kapopa’, junto à Rua 15 de Agosto, muitas pessoas importantes que gostavam de o ouvir [...] Lembro-me também de uma outra pessoa porque, mais tarde, veio a ser o primeiro Presidente da República Popular de Angola. Trata-se do Dr. António Agostinho Neto, na sua passagem por Malanje, ainda como aspirante dos Serviços de Saúde e Higiene”. Os textos escritos



provavelmente em Malanje e enviados para publicação em 1946 no jornal O Farolim ecoam ideais tributários de conversas com José Manuel da Silva Lameira. É significativo o testemunho de Domingos Van-Dunem, então secretário de redacção desse jornal, a respeito das circunstâncias em que recebe a visita de Agostinho Neto. Tal gesto exprimia uma reacção ao comentário sarcástico relativamente às atitudes preconceituosas dos funcionários públicos formados no Liceu. Agostinho Neto que falava igualmente em nome de um amigo seu, Joffre Van-Dunem, pretendia “pedir explicações ao atrevido escriba”.

Numa entrevista que concedeu a Augusta Conchiglia, Agostinho Neto observa: “Também em Malanje vivi uma experiência magnífica. Fiz amizade com um grupo de pessoas que, em minha opinião, não se interessavam nada por política, enquanto para mim a situação de Angola impunha essa preocupação. Mas entrei em contacto com os trabalhadores, com os contratados, e foi lá que eu senti verdadeiramente e com força a violência dos reaccionários portugueses. Os anos que vivi em Malanje com toda a certeza influíram muito na minha formação política”.

Actividade reflexiva e ideias recorrentes

Agostinho Neto contava então com 23 anos de idade, quando escreveu o seu primeiro texto de pendor nativista. Mas o tom, a atitude e o tema vêm inscrevê-lo naquilo a que chamo tradição ensaística angolana. Marcado

pela formação cristã e evangélica, Agostinho Neto manifesta claramente os seus ideais, nos dois primeiros textos publicados em O Estandarte, nomeadamente A Nova Ordem Começa Em Nossa Casa e A Paz Que Queremos, entre 1944 e 1945. Lança aí o seu programa intelectual e define os contornos da sua personalidade.

É com Instrução ao Nativo, um outro artigo publicado em O Estandarte também em 1945, Uma causa psicológica: A “Marcha” para o Exterior e Uma Necessidade, estes publicados no jornal O Farolim, em 1946, que o nativismo da fase inicial se revela no pensamento deste autor. Se confrontarmos as ideias recorrentes dos dois textos anteriores, observa-se uma coerência no plano da articulação.

Uma Causa Psicológica: A “Marcha” para o Exterior marca a sua colaboração num jornal que, na década de 40, seguia ainda as tradições do século XIX. Trata-se de um artigo publicado no jornal O Farolim em 1946. Lido e situado no seu contexto, é um texto revelador de elevada maturidade. Com ele Agostinho Neto dá consistência a ideias anteriores. Mas evolui, na medida em que diagnostica a falta de unidade entre “os elementos da classe nativa” que têm tendência para se isolarem uns dos outros. Palpitando em si um certo tipo de ideal, Agostinho Neto constata o perigo que espreita: “É paradoxal a desunião entre nós, nativos, que, para não citar outros aspectos do interesse comum têm que

lutar coesos pela sua economia e pelo aumento do seu nível cultural.”

Do seu ponto de vista, a fraqueza da classe nativa reside na “psicologia distorcida” que se manifesta no cego seguimento das modas entre os jovens. Mas tal facto não é fortuito, pois “a desunião entre os nativos não é posterior à fabricação em série do rapaz moderno”. Por conseguinte, a desunião é simultânea. Ao mesmo tempo que “a mulher africana moderna assimilando a inobjectividade da vida, dissemelhando-se da avózinha pacatamente crocheteante, adoptando a despreocupação, o bâton, a sola de cortiça e a saia ascendente; deixou-se apenas arrastar pelo movimento geral que transformou o homem, que (digamo-lo de passagem) é difícil ser-se rebelde!”.

A distorção da psicologia colectiva e a desunião não ocorrem por acaso. Tem a sua causa fundamental na organização estrutural do ensino ministrado.

“Os nativos são educados como se tivessem nascido e re-sidisse na Europa. Antes de atingirem a idade em que são capazes de pensar sem esteio, não conhecem Angola. Olham a sua terra de fora para dentro e não ao invés, como seria óbvio. Estudam na escola, minuciosamente, a História e Geografia de Portugal, enquanto que, da Colónia, apenas folheiam em sinopses ou estudam levemente”.

E qual é a consequência disso?

Agostinho Neto responde: “Os indivíduos assim formados

têm a cabeça sobre vértebras nativas, mas o seu conteúdo escora-se em vértebras estranhas, de modo que as ideias, as expirações do espírito são estranhas à terra. Daí o olhar-se esta, a sua gente e hábitos, o mundo que os rodeia, como estranhos a si – de fora (...)”.

“Produce-se no nativo uma distorção na sua personalidade que se reflecte na vida social, desequilibrando-a”.

Semelhante atitude acaba por estar em consonância com o reducionismo ocidental e eurocêntrico:

“Lá fora há o hábito de depreciar quanto é nativo; e os moços nativos cujos espíritos derivaram para o exterior e em quem está atinente um quantum de vaidade (como em qualquer ser humano) têm vergonha em considerar-se incluídos naquela esfera depreciada e não somente não a auxiliam como procuram desprezar as iniciativas de carácter puramente nativo (...)”

É de igual modo em Uma causa psicológica: a “Marcha” para o Exterior que lemos o seguinte trecho:

“A minha pouca experiência impediria que a voz chegasse ao céu se eu desse conselhos. Acho, porém, que a mezinha apropriada para anular os efeitos perniciosos bastantes do eurotropicalismo seria começar por ‘descobrir’ Angola aos novos, mostrá-la por meio de uma propaganda bem dirigida, para que eles, conhecendo a sua terra, os homens que a habitam, as suas possibilidades e necessidades, saibam o que é necessário fazer-se, para depois querer”.

Textos ensaísticos de 50

Com estas breves notas, gostaria de chamar a atenção dos leitores para o carácter seminal dos textos ensaísticos escritos por Agostinho Neto, durante a segunda metade da década de 50, tais como Rumo da Literatura Negra e Introdução ao Colóquio sobre Poesia Angolana. Eles representam o registo de um pensamento maduro que, superando o discurso tipicamente nativista, contudo não podem ser classificados como “negritudinistas”, como parece ser o entendimento generalista dos críticos literários que identificam uma “negritude africana de língua portuguesa”. Em Introdução ao Colóquio sobre Poesia Angolana, referindo-se ao conceito de negritude nos termos formulados por Leopold Senghor e depois por Jean-Paul Sartre, Agostinho Neto escreve: “Entre nós, digo, em Angola e na Metrópole, defendeu-se e combatu-se este conceito”.

* Ensaísta e professor universitário



AGOSTINHO NETO

A voz doutrinal no sacerdócio estético

Tenho-me servido de uma passagem de Novalis, que diz que “poesia é poesia”, como ponte para franquear a ciência e, sempre que posso, negar abordar analiticamente a poesia, a literatura ou até mesmo tudo quanto seja do foro da criatividade artística. Enquanto poeta, não tenho nada para analisar, só tenho para viver, experimentar e arriscar. Assim, no âmbito do tema que me propus a falar, ocorreu-me então partilhar aqui a aversão à versão que muitos dos escritores angolanos ou fazedores de opinião têm sobre as dinâmicas do contexto estético-literário de Agostinho Neto

David Capelenguela /*

Agostinho Neto categoriza, por meio de uma voz lírica, o testemunho de um espaço, nesse caso a geografia angolana, fazendo recurso a uma estratégia discursiva e poética em que a rememoração do passado e a relação directa com o presente sintetizam a literatura de testemunho, ao passo que o ser africano, ora em um íntimo “eu”, ora em diversos personagens afectivos e simbolicamente “colectivos”, mantém relações intrínsecas com as representações simbólicas de uma literatura que se impunha coerciva, marcada sobremaneira para compor outras realidades. Provavelmente o livro mais conhecido dele, “Sagrada Esperança” oferece-nos cinquenta e um poemas escritos entre 1945 e 1960 nos quais Neto conta a história do seu povo e do povo africano. Nelles, expondo os horrendos crimes dos colonizadores ao mundo, Neto luta para conseguir um futuro melhor para o seu povo e para todos os povos do mundo que sofreram o mesmo destino: um futuro de liberdade e igual-

dade para todos. Nestes poemas Neto apela à luta, consciente de que isto é o único modo de conseguir a desejada libertação e a independência de Angola. Escritos numa linguagem simples, com o ritmo tradicional da sociedade angolana, estes poemas encontraram o seu lugar na literatura angolana, continuando na linha da literatura oral tradicional. Agostinho Neto categoriza, por meio de uma voz lírica, o testemunho de um espaço, nesse caso a geografia angolana. Ao fazer recurso a uma estratégia discursiva e poética em que a rememoração do passado e a relação directa com o presente sintetizam a persistência e demonstração do acto de escrita que o inscreve na dupla actuação, quer como poeta inspirado quer como poeta artesão, o ser africano, ora num íntimo “eu”, ora em diversos personagens afectivos e simbolicamente “colectivos”, mantém relações intrínsecas com as representações simbólicas de uma literatura marcada testemunhal, onde o poeta conjuga a realidade e a ficção, buscando trazer a

lume dois aspectos enfatizados por Gagnebin (2006), que são: o sofrimento, ou o horror, e a história dos sem-nome, ou seja, dos anónimos. Trata-se de uma maneira de refazer os caminhos históricos por meio do simbólico, da ficção. Numa confrontação directa com a expressão poética de Agostinho Neto, aqui partindo de uma leitura analítica centrada na sua obra, é notório ressaltar que a literatura se encontra dotada, conforme frisado, por uma ética e uma estética e um papel comprometido histórica e politicamente, visto que a voz lírica presente nos poemas ultrapassa os limites de uma realidade para se tornar outra realidade, a qual é, simultaneamente, uma instância criativa. A memória, demarcando o passado e o trabalho estético com a linguagem, demarcando a territorialidade e as temporalidades históricas – passado, presente e futuro – são, juntos, os procedimentos possíveis na literatura de testemunho. Assim, a justaposição ética e estética resulta numa das principais características da instauração de

outras realidades, fora e dentro de um real histórico, de uma literatura que não é puramente “uma imitação do mundo” (Seligmann-Silva, 2003, p. 372). Mas é, para além disso, uma imitação ficcional de uma realidade histórica, política, cultural, social e discursiva. Dessa forma, a actuação poética de Agostinho Neto reorganiza maneiras de estar no seu mundo para resultar em outros mundos históricos possíveis, conjugando principalmente a memória e a escrita. O poeta, através da linguagem, revela-se como construtor de sentidos e emoções. Nenhum poeta é proprietário da poesia, mas o verdadeiro poeta é capaz de apreender a carga de poesia latente em todas as coisas e fixá-la, de forma artística, no seu poema. Na língua portuguesa, Agostinho Neto encontrou o tema do desenvolvimento da consciência em duas formas diferentes. Na sua primeira forma, a que denominarei de clássica, o poeta representa a inibição da consciência e o seu progresso, de um estágio inicial de ignorância para um estágio terminal de conhe-

cimento, cognição. Na sua segunda forma, a que denominarei romântica ou sublime, a consciência é marcada como uma doença do espírito. Dessa maneira, o poeta procura representar o desenvolvimento da consciência desde o seu nascimento até a sua dissolução. A poesia revela-se assim como algo inefável, vago e etéreo, mas passível de ser corporificada e materializada pelo trabalho transformador do poeta, já que o modo de trabalho varia de poeta para poeta, pois há aqueles mais artesanais que outros, e aqueles mais inspirados e ainda aqueles que mesclam as duas vertentes. No entanto, se percorrermos a obra de cada um desses poetas, veremos que nos seus poemas é patente o poético e a pura poesia. A nossa comunhão com o universo do poeta, a nossa aceitação dos seus processos e da sua cosmovisão, é, conforme lembra Manuel Bandeira, fruto da sensibilidade, do conhecimento, das vivências e das preferências de cada um de nós. Aqui está, no meu ponto de vista, a essência e substância do significado da poesia. Ela,

evidentemente, não se prende apenas ao espaço delimitado do seu fazedor e do instante. Para um labor oficial acabado da palavra poética, o seu cultor deve ser dono de uma linguagem húmida e encoberta, mas seca e descarnada, onde a palavra, crucial e bastante, se valoriza pela subtilidade e mestria. Mas digamos que uma das características de um grande poeta é a sua capacidade e característica de ser muito local e simultaneamente universal, ou seja, não perder a sua dimensão local, mas ter essa componente de universalidade. Embora essa elasticidade seja um exercício bastante difícil, é essa dimensão de labor estético que dita uma obra, consciente de que não é pelo facto de se ter publicado várias obras que se distingue um poeta, mas sim pelo percurso que se vai fazendo ao longo da vida e na qual, de certa maneira, se vai descobrindo um atalho próprio, sendo este, eventualmente, aquilo a que poderemos chamar estilo de um dado poeta, que o distingue dos outros, sendo ele um poeta inspirado ou um poeta artesão.

Poeta inspirado

Em “Sagrada Esperança”, Agostinho Neto adota, na sua essência, o modo mítico, regressando à linhagem conceitual iniciada por Cesário Verde. Do modo romântico, entretanto, o poeta militante conserva a metáfora da consciência como doença, esforçando-se por lhe atribuir um significado diferente.

O seu esforço consiste em fazer uma análise dos termos da falsificação da consciência de modo a criar as condições da sua substituição pelos termos da verdade. Essa concepção é expressa por ele na imagem do “sintoma” no poema “O choro de África”. Agostinho Neto promove uma figuração onde a natureza africana é uma das partes da simbiose das dores sofridas pelos africanos no processo de colonização. Nesse mesmo poema, é como se esse sofrimento, da natureza e do ser humano africano, fosse crescendo dentro de um horizonte em fogo. “No ar o cheiro do verde das palmeiras queimadas” é o paradoxo da dor e da não-dor; do antes e do depois. O ritmo imposto pelo poeta é de uma dor que cresce perante um céu que reflecte toda essa imensidão dolorida. A imagem final contém um fogo, simbolizando o poder dos colonizadores que vai consumir, gradativamente, os seres e a África: “a terra quente dos horizontes em fogo: “Lá no horizonte / o fogo / e as silhuetas escuras dos imbondeiros / de braços erguidos”.

A inquirição em torno da angústia é a expressão poética que Agostinho Neto encontrou, nesse poema, que problematiza todo um testemunho histórico que viveu em Angola e depois na condição de sujeito colonial, dentro de Portugal, quando estudava Medicina. Esse verso traz à tona a relação dos olhares do outro e de si mesmo, dos olhares de dentro e de fora da espacialidade africana. É o que Seligmann-Silva (2003) caracteriza no que tange à literatura de testemunho, como a ferida que não fecha. Assim, o poeta inspirado é aquele cuja descendência vem do romantismo. É o poeta que se sente à janela a observar a lua, ou caminha solitário entre as árvores a ouvir os rumores da natureza, aquele que se encanta com a paisagem interior e exterior numa comunhão mais ou menos absoluta e estática. É aquele que diz que ouve vozes. É o poeta inspirado, portanto tem uma relação de escrita mais ou menos transcendental. Tem uma poesia decantada, com formas completamente harmónicas, em que o poema se lê como uma peça completa, de escultura, em que nada falta e nada está a mais.

Um poeta inspirado é aquele que, ao fim de um exercício de escrita, o seu

produto sai praticamente inteiro. É como que ele (o poeta) não tivesse consciência de sua autoria, como se o resultado da sua elaboração estética lhe viesse como dádiva. Ou seja, como se lhe fosse soprada a sua capacidade de criação, ou se lhe viesse como resultante do resultado divino.

O poema “Mussunda Amigo”, que não deixa de ser um dos mais emblemáticos escritos poéticos de Agostinho Neto, traz em si alguns aspectos importantes para compreendermos um poeta verdadeiramente inspirado. Entre eles, há a marca preponderante da junção colectiva de um “eu” e de um outro, figurado através do personagem Mussunda, para resultar, no final do poema, em um “nós”. Este é reforçado pelo “somos”, que, por sua vez, é marcado por várias implicações, entre elas: a reelaboração da formação de uma consciência histórica; o mesclar de um hibridismo linguístico, quando o poeta, como é próprio de sua prática, circunscreve cantos da cultura angolana no corpo do poema; a presença marcante de interrogações que corroboram a problematização do passado histórico; a rememoração e o ritmo final permeado por uma esperança. Além do mais, o poeta reinvoca o passado histórico: “Lembras-te? / Da tristeza daqueles tempos / em que íamos / comprar mangas / e lastimar o destino / das mulheres da Funda, / dos nossos cantos de lamentos / dos nossos desesperos / e das nuvens dos nossos olhos / Lembras-te?” (Neto, 2016, p. 64).

Estado de alma emprestado

Um poeta inspirado, em sua voz lírica, não desiste dos caminhos, mesmo que com os horizontes fechados e as luzes escondidas, ou que cansados estejam – se lhes resta, assim como a todos os africanos e povos oprimidos, a marcha para além do cansaço, ou o perambular sem rumo, isso se torna um modo de resistência e, ao mesmo tempo, testemunhal. É nesse sentido que o poema “Aspiração”, de Agostinho Neto, pluraliza uma dor que é aparentemente só dele e aponta para outras geografias, buscando especialmente convergir os povos que perpassaram pelo processo de colonização e ele mesmo, para que sejam aludidos como heróis anónimos, historicamente silenciados, colonizados, mas que continuam “mais humilde e menos triunfante” (Gagnebin, 2006, p. 53).

Ainda sobre a referência de que o poeta inspirado, nalguns casos, vagueia entre o estado de alma emprestado ao inspirador nato e a sua própria condição de poeta, o emprego de cores e sombras em muitos poemas de

Agostinho Neto demonstra o estágio da inconsciência. No poema “Partida para o contrato”, a imediata urgência do impacto da cor é assegurada não só pelo minimalismo de meios métricos utilizados, como também pelo facto de os verbos serem conjugados no presente. A mulher, no porto, vê o navio que transporta o seu amor para São Tomé afastar-se do cais. O sol, o barco, o mar tornam-se escuros. O céu fica sem estrelas e a terra sem luz: “O céu escurecendo a terra / E a alma da mulher” (2016, p. 27). Já no poema “A noite”, a cor é usada para exprimir a cegueira espiritual. O sujeito do poema é descrito como encostado aos seus sonhos sem forma, de braço dado com fantasmas, na procura inconsciente da sua identidade: “Pelas ruas sem luz / Desconhecidas / Pejadas de mística e terror”. (2016, p. 27).

Além dessa proximidade com o universo cultural angolano, tal interacção reforça o carácter colectivo dos momentos de enunciação literariamente construídos por Neto. Tamanha foi a relação entre as lutas de libertação – história, portanto – e a escrita de textos literários (e vice-versa) que poemas como “Havemos de voltar”, por exemplo, foram amplamente divulgados e cantados como hinos de guerra, arma a impulsionar o povo angolano rumo à liberdade: “À bela pátria angolana / nossa terra, nossa mãe / havemos de voltar // Havemos de voltar / À Angola libertada / Angola independente”.

Em jeito de conclusão

Em Angola, assiste-se hoje e cada vez mais ao surgimento dos chamados movimentos literários ou movimentos de estudos literários, em que jovens universitários ou não, organizam-se e procuram a seu jeito estudar teorias da literatura e dar voz ao seu modo de pensar e encarar o actual contexto da literatura angolana. É um momento de fascinantes desafios à teoria da literatura.

A realidade literária angolana e talvez sobre esse ponto de vista não seja só angolana, nesse ponto de vista, o mundo, está a exigir uma revisão de alguns de seus até hoje mais sólidos pilares conceituais. É interessante notar que tal realidade da produção literária e da dinâmica cultural coloca hoje como problema a própria realidade: o real enquanto tal, as relações entre criação e realidade, entre ficção e realidade. Já não se trata de um momento de crise. Estamos a viver o pós-crise, em que se configura necessário construir categorias positivas num contexto intelectual marcado pela complexidade. Tal contexto afecta a vida da linguagem, a vida do conceito,



no sentido de que os meta-vocabulários precisam existir dentro da ambivalência e abertos à flexibilidade.

E Agostinho Neto parece que já previa tudo isso. Pois, a equivalência do “eu”, nos seus poemas, evidencia para o leitor o carácter colectivo dessa enunciação. Tendo essa colectividade múltiplas vozes, é natural que a palavra, ainda que no seu uso ordinário ou em português padrão, esteja carregada de várias significações. Assim, a palavra é tornada tensa, uma vez que a enunciação poética – na sua pluralidade – actua poderosamente sobre o enunciado da força opressora.

É assim que o narrador

se torna herói. Quando o mundo dos outros, nos seus valores, tem autoridade sobre mim, assimila-me enquanto outro (claro, nos momentos em que ele pode, precisamente, ter autoridade). (Bakhtin, 1997, p. 168)

Um dos mais importantes escritores da literatura angolana, na literatura mundial, Agostinho Neto ficou muito lembrado pelos seus poemas nos quais contava a verdade sobre a exploração do homem pelo homem vividos sob o sistema colonial e nos quais ofereceu a visão dum futuro melhor ao seu povo.

Há, no texto de Agostinho Neto, uma tenaz e ousada fala capaz de produzir acon-

tecimentos, de estabelecer algo, de instaurar uma ordem, diferenciando-se radicalmente da fala ordinária, quotidiana, pronunciada em meio a conversas e resoluções casuais. Trata-se, portanto, de um tipo de fala, costurada com mestria e arte à qual é atribuído valor. Fala radicalmente diferente. A da palavra daquele que arroga pra si um acesso privilegiado à divindade e que é visto como agente potencialmente capaz de vislumbrar os designios dos deuses e trazê-los ao conhecimento do homem oprimido.

*Poeta



MÁXIMAS E PRIORIDADES ESTRATÉGICAS

Sobre o testamento político de António Agostinho Neto

Político visionário, temperado nas melhores tradições do moderno nacionalismo angolano, António Agostinho Neto deixou um importante legado político que, nos dias de hoje, tanto quanto como nos de ontem, deve ser assumido como capital político e património de todas as forças progressistas do nosso país

DR



Victor Kajibanga /*

Duas frases mágicas (ou dois slogans políticos, duas «palavras de ordem» ou, enfim, duas fórmulas políticas lapidárias) reveladoras do seu pensamento, proferidas, curiosamente, no mesmo lugar. Este era inicialmente conhecido por Largo 1.º de Maio, pois aí terão sido realizados os principais comícios e desfiles em prol do Dia Internacional dos Trabalhadores e, posteriormente, rebaptizado Praça da Independência, justificado em virtude da ocorrência óbvia: nesse lugar, foi proclamada a independência da República Popular de Angola, no dia 11 de Novembro de 1975. As duas máximas aí proferidas pelo Presidente/Poeta, conformam o que chamo de testamento político do primeiro Presidente da República Popular de Angola (1975-1979).

A primeira máxima, que constitui a síntese de um autêntico programa, conhecida por “A agricultura é a base, a indústria o factor decisivo”, entrou no léxico político e partidário como um sinal de ruptura e mudança e desde o primeiro momento se tornou o indicativo do programa do seu governo. Para se per-

ceber a sua pertinência, grandeza e valor estratégico, entendendo que é necessário contextualizá-la. A mesma foi proferida no dia da proclamação da independência nacional, a zero horas... do dia 11 de Novembro de 1975. Justamente no primeiro dia da soberania angolana, António Agostinho Neto assumia e assim deixava reconhecer que a diversificação da economia, a começar pela valorização da agricultura familiar, constituía um caminho viável para o desenvolvimento e o progresso do novíssimo Estado soberano. Na sua esclarecida eloquência política, Neto dizia a este propósito: “(...) o facto de Angola ser um país em que a maioria da população é camponesa, o MPLA decide considerar a agricultura como a base e a indústria como factor decisivo do nosso progresso”. Para além do carácter político, esta «palavra de ordem» ou máxima do seu pensamento político, fazia apelo à consciência de classe (em si e para si) dos camponeses e da emergente classe operária, passando a considerar como uma acção estratégica fundamental do Estado e uma fórmula locomotora do seu progresso.

Na minha modesta opi-

nião, este legado testamentário lançou as premissas para aquilo que terá constituído a semente e o desenho das políticas públicas com vista a diversificação e o desenvolvimento da economia do país. Malgrado o facto das mesmas não terem sido inteiramente materializadas por inúmeros problemas e contingências, sobretudo durante o período pós-conflito armado. Daqui se depreende que a ideia sobre a diversificação da economia não é nova. Ela constitui um dos avatares fundadores do novel Estado Angolano, que estrutura o programa político de António Agostinho Neto, desde o seu discurso inaugural do país independente.

A segunda máxima, “O mais importante é resolver os problemas do Povo”, foi proferida no dia 10 de Dezembro de 1978, por ocasião do 22.º aniversário da fundação do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e do 1.º aniversário da transformação do movimento em MPLA – Partido do Trabalho, representa um legado testamentário que desafia os servidores públicos a colocarem nas suas agendas, em primeiro lugar e acima de

tudo, o interesse público, os problemas quotidianos do cidadão, das famílias, das comunidades, das colectividades e do País. Aqui estava em pauta e continuam actuais os problemas sociais de toda ordem e índole, mas com alguma prioridade para os cuidados primários de saúde e para a implantação alargada da educação.

Estamos, assim, em presença de um testamento político genuíno que interpela todas as consciências lúcidas da nação. Afinal, o Presidente Neto deixou um testamento de que devemos todos nos orgulhar. A materialização desse legado é, a meu ver, a varinha mágica para se corrigir o que está mal e melhorar o que está bem, identificando com clareza, lucidez e sabedoria, o que afinal está mal para ser corrigido e o que está bem para ser melhorado!

Durante o curto consulado presidencial de quase quatro anos, António Agostinho Neto definiu as prioridades estratégicas para cada ano civil e político. Nesta perspectiva, os anos eram crismados em função dessas prioridades. Temos, assim:

1976, “Ano da Resistência Popular Generalizada”;

1977, “Ano do 1.º Congresso do MPLA, da Criação do Partido e da Produção para o Socialismo”;

1978, “Ano da Agricultura”;

1979, “Ano da Formação de Quadros”.

Reeditar os textos de juventude

O poeta da Sagrada Esperança e d’A Renúncia Impossível, o Manguxi, o nosso Kilamba, nasceu a 17 de Setembro de 1922, num ajuntamento residencial conhecido por Kaxikane, na antiga circunscrição de Icolo e Bengo, actual município de Icolo e Bengo (em rigor, Icolo ni Mbengu). Falleceu a 10 de Setembro de 1979, em Moscovo (Rússia), na então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Hoje, 41 anos após a sua morte, urge compilar e editar os seus vigorosos textos ensaísticos de juventude, voltados para a juventude, publicados em alguns órgãos de imprensa (O Estandarte, O Farolim, Cultura, entre outros) na década de 1940 e, sobretudo, reeditar os seus discursos políticos (Agostinho Neto, Textos políticos escolhidos, Luanda, DIP – Departamento de Informação e Propaganda, 1986; António Agostinho Ne-

to, Tudo pelo povo, tudo pela independência, tudo pelo socialismo. Selecção de discursos, 1962-1978. Luanda, Edições MINDEF, 1979). Sugiro, vivamente, o estudo do seu pensamento político a partir destes livros.

Quatro obras são, igualmente, úteis para a compreensão da envergadura do pensamento social e político do Primeiro Presidente de Angola: 1) Roberto de Almeida, Vida e obra de Agostinho Neto, conferência pronunciada na Universidade de São Paulo, em Novembro de 1987; 2) Leonel Cosme, Agostinho Neto e o seu tempo. Porto, Campo das Letras, 2004; 3) Jofre Rocha, Dartanhã Frágoso, António Panguila e Luís Kandjimbo, Agostinho Neto: Libertador e Homem de Cultura. Luanda, Delegação Provincial da Cultura, 2003; 4) Vários, Personalidades falam de Agostinho Neto. Roma, Revista Angolândia; 2.ª edição, Ano 3, Luanda, Memorial Dr. António Agostinho Neto, 2019).

Honra e Glória aos Heróis da Pátria Angolana!

António Agostinho Neto, Presente!

*Sociólogo e Professor Universitário